

**DEL PRIORE, Mary & AMANTINO, Márcia (orgs.). 2013.**  
***História dos homens no Brasil.* São Paulo: Ed. UNESP.**

## Marcos Nascimento

Doutor em Saúde Coletiva  
Instituto Fernandes Figueira, Fiocruz  
Rio de Janeiro, Brasil

> m2nascimento@gmail.com

---

Nos últimos 25 anos, temos acompanhado o aumento do interesse pelos homens e as masculinidades como objeto de investigação acadêmica, tanto no Brasil quanto internacionalmente, por parte das ciências humanas e sociais, sobretudo no campo de estudos de gênero (Nolasco, 1995; Arilha et al., 1998; Oliveira, 2004; Gomes, 2008). Como afirmaram Heilborn & Carrara (1998), no final do século passado, definitivamente, “os homens entraram em cena”.

Nesse sentido, o livro organizado pelas historiadoras Mary del Priore e Marcia Amantino é uma excelente contribuição para aqueles que se interessam pela “masculinidade dos homens” (Vale de Almeida, 2004). Nas palavras das organizadoras, tratar da história dos homens significa falar sobre um sujeito plural e não universalizado:

[...] é de homens sexuais e não universais que vamos tratar. Homens cuja masculinidade, longe de ser natural, foi socialmente construída. Trata-se de uma história plural, na qual a masculinidade não é um dado “natural”, mas uma variável edificada de acordo com as diferentes temporalidades,

áreas geográficas, diferenças de classe, religião e orientação sexual de cada um. De masculinidade confrontada com padrões de comportamento e representações do que era, no passado, ou é, no presente, "ser homem" (:8).

O livro está organizado em 12 capítulos e uma introdução em que autores e autoras discorrem sobre diversas facetas relacionadas ao exercício da masculinidade, em diferentes momentos de nossa história. Não pretendo comentar cada capítulo em separado, mas buscar fios comuns que constituem uma teia sobre a qual repousam essa história dos homens e das masculinidades no Brasil. Destaco aqui três pontos.

Primeiramente, é preciso ter clareza de que a construção das masculinidades (no plural), como afirma a socióloga australiana Raewyn Connell (1995) no seu livro *Masculinities*, não diz respeito somente à constituição das experiências subjetivas de sujeitos do sexo masculino, mas trata-se de um projeto construído coletivamente, permeado por códigos, práticas, discursos e ideologias que são (re) produzidos incessantemente pelos ditames culturais, afetando de maneira distinta, e muitas vezes desigual, homens e mulheres, além de instituições e da sociedade como um todo.

Em segundo lugar, essa construção da masculinidade ocorre em um intenso e complexo jogo de relações entre convenções sociais de gênero mais conservadoras e aquelas mais liberais. Dito de outro modo, as experiências da masculinidade estão relacionadas com padrões de comportamento e de representações ora mais tradicionais, ora mais avançados, produzindo "avanços e recuos" (:357) na construção de repertórios sociais para os homens. Finalmente, como alerta Vale de Almeida (2000:17), esse processo de construção da masculinidade é "frágil, vigiado, como forma de ascendência social que pretende ser".

A complexidade desse projeto de ascendência social é apresentada no livro de várias maneiras e em distintos contextos históricos, ora enfatizando aspectos da vida pública, ora da vida privada. A busca por "prestígio social e respeito" (:82) revela uma imbricada teia que reúne diferentes aspectos da masculinidade: os "carimbos da sífilis" no corpo que atestavam o exercício da sexualidade viril (:85); o aprendizado de práticas de "autoridade e mando" em relação a subalternos com vistas a conquistar e/ou garantir sua posição hierárquica superior (:86); as manifestações públicas de "coragem, vigor e virilidade" (:146); a defesa da "honra do macho" por meio de

disputas e duelos (:247); a associação entre masculinidade/virilidade e força, disciplina e violência, presentes no campo desportivo (:386), entre tantos outros.

A noção de “homem de verdade” esteve (e segue) presente no aprendizado da virilidade e no rechaço de qualquer traço que colocasse em suspeita a sexualidade viril desse homem. Como já se afirmava nos séculos XVIII e XIX, “sobre a masculinidade não podia pairar a menor dúvida” e ser “adamado era inimaginável” (:95). A homossexualidade era percebida como uma mácula para a masculinidade do homem de verdade.

Dessa maneira, e parafraseando Simone de Beauvoir, “não se nasce viril, torna-se viril” (:302). Era através do uso de técnicas de modelagem do corpo, da educação física e da valorização de atividades desportivas que surgia “um novo padrão de performance pública” (:146), com intenção de enaltecer a masculinidade viril.

Por outro lado, a vaidade e a moda masculina, em uma tentativa de conjugar virilidade, sofisticação e *status* social, por exemplo, eram vistas como uma forma de “representar a sua classe social e a sua família perante o restante da sociedade. Era preciso ainda afirmar sua virilidade, sem deixar a vaidade de lado” (:197). Todos esses exemplos levam a crer que é através da aprovação homosocial, por parte de outros homens, que a masculinidade se confirma.

Se a masculinidade pode ser compreendida como uma metáfora de poder e de capacidade de ação que orienta valores e práticas sociais dos homens (Vale de Almeida, 2000), ela está presente também no projeto de constituição da nação brasileira. Escravos, indígenas, mestiços, sacerdotes, militares, guerrilheiros foram homens que, de uma maneira ou outra, fizeram “história no Brasil”.

A articulação entre a masculinidade e outros marcadores sociais da diferença, como cor/etnia, classe social e orientação sexual, é fundamental para compreendermos a construção da história dos homens no Brasil. A posição social de subordinação de homens negros, pobres, homossexuais e seus movimentos de enfrentamento e de luta por reconhecimento social foram e são importantes para entender algumas das mais significativas mudanças nas masculinidades brasileiras.

Mas as expressões de gênero da masculinidade não estiveram restritas ao âmbito público. As experiências de paternidade no âmbito privado revelaram não somente homens comprometidos

com o “doutrinar, castigar, encaminhar, solucionar problemas” (:165), presentes no Brasil Colônia, mas levaram ao surgimento, na contemporaneidade, daqueles “que amam” seus filhos (:182).

Ao que tudo indica, o lugar atual dos homens na sociedade brasileira convive com “rupturas e permanências de valores novos e outros tradicionais” (:184), marcados por conflitos e situações de ambiguidade.

## Referências bibliográficas

- ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra & MEDRADO, Benedito (orgs.). 1998. *Homens e Masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS/ Editora 34.
- CONNELL, R. W. 1995. *Masculinities*. Berkeley: University of California Press.
- GOMES, R. 2008. *Sexualidade Masculina, Gênero e Saúde*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz.
- HEILBORN, Maria Luiza & CARRARA, Sérgio. 1998. “Em cena, os homens...”. *Revista Estudos Feministas*. Vol. 6, nº 2, p. 371-4.
- NOLASCO, Sócrates. 1993. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo. 2004. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Ed. UFMG/ IUPERJ.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. 2004. *Outros destinos: ensaios de antropologia e cidadania*. Lisboa: Campo das Letras.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. 2000. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.